

D. Sebastião: um Rei e um Mito

D. Sebastián : un Rey y un Mito

D. Sebastian: a King and a Myth

Eliane de Alcântara-Teixeira

Universidade Santo Amaro, São Paulo (Brasil)

eatgan@gmail.com

Fecha de recepción: 3 de mayo 2016

Fecha de recepción evaluador: 5 de junio de 2016

Fecha de recepción corrección: 10 de julio de 2016

Resumo

Este artigo procura analisar as origens do Sebastianismo em Portugal, relacionando-o com as correntes messiânicas anteriores ao surgimento do rei D. Sebastião. Ao mesmo tempo, procura também mostrar como o mito permanece até nossos dias, graças a seu aspecto essencialmente profético.

Palavras-chave: Sebastianismo. D. Sebastião, Mito, Portugal, Profético, Messianismo.

Resumen

Este artículo analiza los orígenes del sebastianismo en Portugal, relacionándolo con las corrientes mesiánicas antes de la aparición del Rey Sebastián . Al mismo tiempo, también se pretende mostrar cómo el mito permanece hasta nuestros días, gracias a su aspecto esencialmente profético.

Palabras clave: Sebastianismo, D. Sebastián, Mito, Portugal, Mesianismo, Profético.

Abstract

This article analyzes the origins of Sebastianism in Portugal, relating it to the messianic current prior to the King Sebastian's appearance. At the same time, also seeks to show how the myth remains till today, for the sake of its essentially prophetic aspect.

Keywords: Sebastianism, D. Sebastian, Myth, Portugal, Prophetic, Messianism.

Introdução

O fenômeno messiânico que deu ensejo ao surgimento do sebastianismo teve início antes mesmo do reinado de D. Sebastião. Além de historiadores, muitos pensadores o têm estudado e, na literatura, a sua revisitação é frequente, desde Vieira, passando por Eça de Queirós, António Nobre e chegando até a modernidade, com Natália Correia, António Lobo Antunes e Almeida Faria. Antes, porém, de se tornar um topos literário muito caro à Literatura Portuguesa, D. Sebastião foi uma figura histórica, dentro de um período histórico muito específico. Por isso mesmo, alguns historiadores afirmam que a história portuguesa atinge o seu auge nesse momento histórico, ou seja, no fim do século XVI, quando D. Sebastião desaparece em Marrocos. António Cândido Franco acredita ser o período mais importante da formação e do apogeu português, delimitado entre a época de Inês de Castro e D. Sebastião. (Franco, 1991, p. 45).

Desenvolvimento – Marco referencial e discussão

D. Sebastião nasceu em Lisboa em 1554 e faleceu em Alcácer-Quibir em 1578, filho de D. João e de D. Joana de Áustria. Não chegou a conhecer o pai, homem de saúde muito frágil, que morre poucos dias antes de seu nascimento. Sucedeu D. João III, seu avô, aos três anos de idade. Por ser muito jovem, sua avó D. Catarina é nomeada regente do reino. No entanto, D. Catarina, por questões políticas, deixa a regência que vai ser ocupada pelo cardeal D. Henrique. Somente em 1568 será coroado rei. Seu reinado durará até 1578, quando desaparecerá na batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos, vítima do sultão Mulei Almelique, de sucessivos erros próprios e do desgoverno geral. Seus 1800 homens morreram ou foram feitos prisioneiros pelos árabes, um desastre total, deixando Portugal praticamente sem grande parte da elite governamental e sem homens de armas. Foi sucedido por D. Henrique e posteriormente por Felipe II, da Espanha, o que ocasionou a perda de independência de Portugal que passa às mãos dos espanhóis.

Esta seria uma dentre as várias histórias de reinados perdidos e de reis mortos em batalhas não fossem certas circunstâncias que viriam, mais tarde, a fazer desse rei um mito e desse mito um modo tipicamente português de encarar a realidade.

D. Sebastião ficou praticamente órfão ao nascer. João, seu pai, morre aos 16 anos de idade, vinte dias antes de seu nascimento, em primeiro de janeiro de 1554. Após três meses do nascimento do filho, Joana, sua mãe, volta à Espanha, para substituí-lo e nunca mais verá o filho novamente. Como se poderá constatar, João e Joana são quase irmãos, tal a proximidade de parentesco. Talvez por esse motivo tenha Sebastião nascido com certas deformações genéticas, tais como marcas no corpo e com um dedo a mais no pé direito. Alguns historiadores afirmam que a criança tinha saúde muito fraca. Segundo Oliveira Marques: “D. João III deixou, pois, como sucessor, uma criança débil de três anos de idade, cujas esperanças de vida não eram grandes. D. Sebastião revelou-se um doente, tanto física como mentalmente” (Marques, 2001, p. 280). Quanto aos defeitos físicos da criança, provavelmente provocados pela franca consangüinidade dos pais, muitas são as histórias a respeito deles, verdadeiras ou não. Há também histórias surpreendentes, que se tornaram lendárias, sobre o seu nascimento. Segundo um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa (Besselaar, 1987, p. 76), uma cobra ter-se-ia enrolado ao pé do berço de Sebastião, justamente após seu nascimento à meia-noite. O mais estranho, no entanto, é o fato de que depois de morta e arremessada pela janela do palácio, no terreiro do Paço, a serpente jamais foi encontrada, mesmo após terem revistado minuciosamente o local ao amanhecer.

Sebastião passa para os braços da ama de leite e para os cuidados da avó Catarina, nomeada regente do reino até o menino atingir a maioridade. A criação de D. Catarina além de austera, com respeito à educação do menino, é distante. O menino passa horas solitário, apenas acompanhado por eventuais professores e quase sempre dentro dos aposentos reais. É uma infância de solidão, estudos e passeios pelos jardins do castelo ou na casa de campo real em Sintra. Sua avó estaria mais preocupada com questões ligadas à Inquisição, com sua própria aparência e com reuniões sociais, quando recebia as damas da corte; talvez por isso, sua regência, iniciada em 1557, terminou, a seu pedido, cinco anos depois.

Tio-avô de Sebastião e cunhado de D. Catarina, o cardeal-arcebispo de Lisboa e inquisidor-mor Henrique, a substituirá até que o rei tenha condições de governos, isto é, aos 14 anos, em 1568. Enquanto permaneceu sob a tutoria de sua avó e depois sob a tutoria do cardeal Henrique, o jovem rei obtém uma formação extremamente religiosa. Seus tutores escolhem para ele, aos cinco anos de idade, os mestres jesuítas Luís Gonçalves da Câmara, que regressa de Roma, e seu irmão. Luís Câmara será mestre de História, Filosofia e Gramática. Nessa mesma ocasião, são escolhidos também Amador Rebelo, professor de caligrafia e escrita, e Gaspar Maurício, que se ocupará dos filhos dos fidalgos. Aos oito anos de idade, o rapaz já é bastante desenvolvido no falar e no pensar, os cronistas da época afirmam que ele parecia mesmo um prodígio. No entanto, mais uma vez, o pequeno rei parece um menino órfão. Sua avó, depois de deixar a regência, interna-

se num convento, junto às monjas da Madre de Deus de Xabregas. O neto visita algumas vezes a avó que, no entanto, ainda se mantém distante dele.

Na pré-adolescência, por volta dos nove ou dez anos de idade, conseqüência dos exercícios que pratica, Sebastião desenvolve muito o físico. António Cândido Franco afirma que o jovem aparentava ter dezessete ou dezoito anos, pois praticava o remo, as touradas, nadava em mar aberto por várias horas, treinava cães para a caça, fazia muitos exercícios e longas caminhadas. O rapaz continua solitário como o fora na infância. Seus passeios agora são no Ribatejo, em Almeirim e Salvaterra de Magos. É por esses tempos que começam a correr em Lisboa e arredores histórias sobre as esquisitices do jovem rei. Também é por esses tempos que algumas histórias e lendas populares, que habitavam o imaginário português, começaram a ressurgir. Lendas, travestidas em histórias sobre a força do jovem, como cita António C. Franco:

Começam a correr em Lisboa as histórias mais inquietantes sobre a sua força física. Um dia dizem que uma lança que estava em Santarém desde o tempo da conquista da cidade aos Mouros e que ninguém conseguira mover sequer um centímetro foi levantada por ele com a mão direita e meneada com toda a facilidade. (Franco, op. cit., p. 67)

É clara a referência à célebre história de rei Artur que, quando jovem, consegue retirar a espada fincada em uma pedra, coisa que nenhum outro cavaleiro por mais forte e poderoso que fosse conseguira fazer até então. Desse episódio da lenda arturiana, é que mais tarde se soube que aquele jovem é predestinado a tomar as terras inglesas das mãos de intrusos indesejáveis e de conseguir a unificação dos feudos. Do mesmo modo como fez Artur, o rei mítico das novelas de cavalaria, assim também faria D. Sebastião, conquistando as terras africanas das mãos dos infiéis e as devolvendo aos cristãos. Em conseqüência da massificante educação jesuítica, o jovem rei acreditava-se predestinado, como Cristo o foi, a grandes conquistas para defender o império cristão. Segundo um historiador:

Na adolescência, enquanto os outros meninos apareceram dispostos a render-se cada vez mais às conveniências e aos hábitos sociais, ele mostra-se cada vez mais interessado pelos princípios que os mestres lhe ensinaram em criança: conquistar a África conforme a exaltação das Cortes de 1562, imitar Jesus Cristo, ser justo e pai dos pobres. (Marques, op. cit., p. 70)

Como fora decidido em 1562, em 1568, quando o rei completou 14 anos, o governo lhe foi passado em cerimônia realizada no palácio de Estaus, no Rossio. Durante os dez anos que antecederam Alcácer-Quibir, o rei fez muitas viagens pelo país, sempre acompanhado de nobres seus contemporâneos. Sua preferência era pelo Alentejo, e a cidade mais visitada fora Évora, cuja universidade frequentou em várias ocasiões. O sul do país também o fascinava, a região de Algarve, cheia de sol e de mestiços vendendo

todo tipo de objetos, era-lhe sumamente interessante. A semelhança que existe entre as terras do sul de Portugal e o norte de África, acrescidas de exotismo da paisagem e estranheza de costumes, acentua esse desejo de possuir as terras dominadas pelos árabes a qualquer custo. Ao mesmo tempo em que faz essas longas viagens pelo país, Sebastião exercita-se e pratica touradas com muita freqüência.

O desejo pela conquista de África começa a ser demonstrado pelas viagens que faz a Ceuta e Tânger no Marrocos. Em 24 de agosto de 1574, chega Sebastião a Ceuta, onde fica por um mês aproximadamente. Em setembro, a esquadra do rei parte para Tânger onde o rei permanece por algum tempo. Quando retorna a Portugal, já começa a arquitetar um plano para tomar Marrocos com ou sem a concordância do tio e da avó. Assim como ocorrera com outros reis pretéritos portugueses, Sebastião possui uma vontade incontrolável, um desejo de pedra. É com vista a essa empresa que Sebastião envia Pedro de Alcáçova Carneiro a Madri com duas missões. A primeira, propor uma intervenção conjunta em Marrocos e a segunda, tratar o casamento de Sebastião com Isabel Clara Eugênia, filha de Filipe II da Espanha. A expedição foi também financiada pelos cristãos-novos, fato que justifica, enfim, a simpatia que Sebastião tinha por eles, algo que seu tio e sua avó nunca entenderam. Segundo António Cândido Franco, o financiamento da expedição levou o inquisidor-mor de Castela a escrever uma carta ao embaixador de Espanha em Portugal, João da Silva, recriminando severamente D. Sebastião (Besselaar, op. cit., p. 148).

A expedição de Sebastião parte para a África, depois de longo recrutamento de soldados pelo país. Não houve nenhum treinamento com esses jovens que pouco sabiam sobre armas e guerras. Cerca de 15 mil soldados, na sua maioria portugueses, uniram-se a Sebastião nessa audaciosa empreitada. Alguns aventureiros provenientes de outras nações também se uniram ao rei, principalmente vindos da Andaluzia e de Castela; outros, em menor número, da Itália, da Alemanha, da Holanda e até mesmo de Marrocos, chefiados por Mulei Mohamed, aliado de Sebastião. Além do exército propriamente dito, acompanham a expedição mulheres, crianças, serviçais, abridores de valas, raspadores, frades, pajens, músicos, meirinhos, carregadores, alcaides e o poeta Diogo Bernardes. A maior parte dos jovens nobres de Portugal partiu com essa expedição para o Norte de África, confiantes na vitória e devotos ao rei. A partida deu-se em 24 de junho de 1578. Essa confiança no rei Sebastião, porém, vai sofrer dois abalos já em solo africano. O primeiro, por parte de Fernando de Noronha, que sugeriu a prisão do rei antes da derrota inevitável. O segundo, por parte de Rodrigo Lobo, barão de Alvito, que, ao tomar conhecimento do tamanho do exército inimigo, pediu a prisão do rei para que uma tragédia fosse evitada. Ambos foram ignorados.

Pelo que se sabe, o corpo sem vida de D. Sebastião foi entregue ao rei Filipe de Espanha, que o mandou enterrar nos Jerônimos, onde permanece até hoje. Ninguém o viu antes de ser enterrado, ninguém reconheceu o cadáver. A atmosfera de mistério,

propositada ou não, acabou criando um mito, ou melhor, a partir da idéia messiânica, muito comum em culturas secularizadas, revestiu-se D. Sebastião e sua história de uma aura mítica. Com o reforço daqueles que, desde o episódio das trovas de Bandarra, queriam ardorosamente um herói nacional, o mito perpetuou-se e deixou rastros em toda a cultura portuguesa, principalmente, na literatura. Após um breve interregno, no qual o cardeal D. Henrique, tio de Sebastião, tenta governar um país sem rumo, a coroa portuguesa passa para as mãos de Filipe II, da Espanha. O rei espanhol nomeia Cristóvão de Moura para representá-lo em Portugal. Cristóvão de Moura é um nobre português que, como parte da nobreza do país, prefere ficar do lado castelhano.

Uma figura deve ser lembrada, a de D. João de Castro. Ferrenho sebastianista até a morte, com 73 anos, ele foi grande defensor da idéia de que D. Sebastião não morreria na batalha de Alcácer-Quibir. No período subsequente à morte do rei, pseudo Sebastiaões surgiram em Portugal, passando a reivindicar a coroa: o primeiro, conhecido como Rei de Penamacor, surgiu em Alcobaça em 1584; o segundo, Mateus Álvares, o Rei da Ericeira; o terceiro foi Gabriel de Espinosa, um pasteleiro de Castela e o quarto, Marco Túllio Catizone aparece em Veneza em 1598, então, bastante defendido por D. João de Castro. Uns foram condenados à morte e outros, trancafiados ou enviados para as galés. Vale à pena lembrar também a figura de D. Antônio, o prior do Crato que, sem se apresentar como D. Sebastião, assim mesmo reivindicava a coroa, dizendo-se descendente da família real.

O sebastianismo, circunstanciado pela morte do rei, foi fomentado, muito antes, pelas profecias de um sapateiro chamado Gonçalo Annes, porém conhecido como Bandarra. Suas trovas, que datam de 1510 a 1540, cantam a vinda de um rei-salvador que resgatará seu povo do sofrimento e do desespero. Esse rei-salvador fundará o Quinto Império que dominará o mundo. Conhecemos muito pouco da história de Bandarra, que, aliás, consta dos autos de um processo da Inquisição, ainda no governo de D. João III. Hoje se sabe que ele não era um homem humilde e semi-analfabeto, como naquela época se pensou. Ao contrário, sabia ler e escrever; conhecia, igualmente, o Velho e o Novo Testamentos quase de cor. E era um homem de posses, segundo revelaram pesquisas mais recentes. Suas trovas proféticas, sem nenhum valor literário, são carregadas de influência bíblica proveniente de seus conhecimentos e de um colaborador e amigo: Álvaro Cardoso.

O sebastianismo pode ser considerado um tipo de messianismo que costuma se desenvolver em sociedades sacrais, religiosas. Do ponto de vista de Eduardo Lourenço, “o sebastianismo, aquilo que nele se encarna, tem uma estrutura mais ampla e reiterada em tempos e lugares diversos que a do nosso sebastianismo histórico” (Lourenço, 2001, p. 134). Geralmente, manifesta-se como a crença de um povo em um Deus ou enviado de Deus que o livrará de uma situação de opressão. Comum a nós ocidentais, o messianismo cristão tem origem na Bíblia, uma vez que a palavra Messias é oriunda do Velho Testamento e significa “ungido”. A partir do século I a.C., passou a designar o salvador,

aquele esperado e prometido a um povo eleito. Durante a Idade Média, o messianismo foi associado ao termo joaquimismo, de Joaquim de Fiore (1135-1202). O abade calabrês dividia a história em três fases ou estados: o do Pai, o do Filho e o do Espírito Santo. A divisão da história nos três estados e, destes, em sete idades cada um, marca a doutrina joaquimina. Para Joaquim de Fiore a história escatologicamente teria dois fins – um situado no além e outro, dentro do tempo histórico; portanto, para ele, a História adquire importância ainda na Idade Média. Despida de caráter científico, a História admitia previsões e os profetas tinham papel de peso no seu contexto. E, no final de Idade Média, vaticínios e profecias existiam em profusão: “vários destes vaticínios, não raro, entraram bastante deformados nas profecias sebásticas” (Besselaar, op. cit., p. 24).

As profecias medievais encontram solo fértil em Portugal que, após a morte de um rei sem descendentes, e por força de um movimento inconsciente das massas populares – de certo modo, desorientadas – as adota incondicionalmente. Já no reinado de D. Sebastião, tais profecias tinham muito vigor, a ponto de influenciar fortemente o jovem rei. São dois os principais fatores, na evolução da sociedade portuguesa no crepúsculo da Idade Média, que talvez expliquem a influência do messianismo sobre D. Sebastião: em primeiro lugar, a sua rigorosa educação jesuítica que o fez crer-se um ser predestinado, um enviado de Deus, o que podemos comprovar por meio de seus atos, ou seja, a total submissão aos ditames da Igreja e sua propalada humildade diante dos pobres, principalmente demonstrada em dias santos, por exemplo, ou mesmo, a vontade férrea de libertar os “infiéis” do pecado e convertê-los à fé cristã. Em segundo, os ideais medievais que lhe foram inculcados desde criança. D. Sebastião tem como modelo a figura do cavaleiro andante medieval trajando a armadura e lutando, como um Quixote, contra o demônio árabe.

Para Oliveira Martins, o sebastianismo seria fruto da miscigenação de três raças que resultariam no povo português: o celta, o galego e o turdetano (Martins, 1978, p. 63). Da raça celta se originaria o ideal messiânico e daí o sebastianismo. Por outro lado, essa idéia é ferozmente combatida por António Sérgio em seu texto “Interpretação não romântica do sebastianismo”. Para ele, o ideal sebástico teria sido herdado do convívio com cristãos-novos e da confluência de fatos, de uma coincidência histórica e, de certo modo, de uma identificação fortuita entre as condições psíquicas do povo judeu e do povo português: “O ambiente psíquico do Português tornou-se idêntico ao dos Judeus, e dessa semelhança social-mental sai a reprodução, entre nós, do messianismo israelita” (Ibidem, p. 93).

Também para António Sérgio, o sebastianismo serviria como desculpa, ou muleta, a um povo sem iniciativa e carente de “self-government”, uma vez que essas idéias retornam ao contexto a cada crise, em momentos de decadência (SÉRGIO, 1978, p. 68). Na verdade, envolvidos com essas idéias messiânicas, falta ao rei e a seus conselheiros a visão extra da realidade de seu tempo, ao não perceberem transformações econômicas

que ocorrem na Europa e não acompanharem os rumos das importações e exportações, enfim, em outras palavras, as necessidades do mercado. Portanto, Portugal, nos anos de governo sebastianista, vira as costas ao mundo, como se fosse uma nação soberana e absoluta, não admitindo rivais ou concorrentes, o que na área econômica significa um suicídio.

O surgimento do sebastianismo seria explicado, portanto, por três fatores, segundo Besselaar: o primeiro, o fato de Portugal ser uma sociedade sacral, impregnada de religiosidade em todos os setores da vida; em segundo, seria o chamado por Oliveira Martins de substrato celta, que parece associar rei Arthur a D. Sebastião, e o terceiro, proporcionado pela história portuguesa frustrada, na qual as esperanças de um futuro de pujança são alimentadas por um passado de glória, ficando o presente representado por um momento expectante e inerte, próprio de culturas messiânicas.

O evangelho sebastianista compõe-se de cartapácios, ou seja, de coleções de profecias algumas bíblicas, outras não canônicas, que eram agrupadas em grossos volumes, como no Jardim Ameno e no Catálogo das Profecias e outros volumes menores, na maioria apócrifos. Naturalmente, a interpretação dada pelos sebastianistas tenderá à mudança do caráter originário do texto.

Conclusões

Alterações interpretativas ou do conteúdo dos textos, tanto das profecias como das trovas de Bandarra, foram comuns durante a evolução do sebastianismo. Aliás, a começar de D. João de Castro e passando por todos os sebastianistas conhecidos até o século XIX, todos eles utilizaram-se do evangelho sebástico para fins políticos e ideológicos, moldando-os de acordo com as necessidades vigentes. Como aconteceu na época da Restauração. No final de 1640, o que se lia nas estrofes 87 e 88 das trovas de Bandarra era que um jovem infante tomaria o poder, vencida a luta contra a “Grifa parideira, lagomeira, que tais prados têm gostado”, ou seja, a Espanha, vista como um monstro desmedido que não se satisfazia em pastos próprios, ficando sempre a desejar o pasto alheio – Portugal. O jovem infante, não mais Sebastião, teria como nome D. João, resultante da troca da palavra Foão, do texto editado por D. João de Castro, para João, na nova versão. Realmente é D. João, filho do Duque de Bragança, que garantirá a independência de Portugal. A História vai mostrar os altos e baixos da onda messiânica, de acordo com os altos e baixos da sociedade portuguesa, de maneira que, nos momentos de depressão e desencanto, D. Sebastião ressuscita miraculosamente, seja no imaginário do povo português, seja, ficcionalmente, em obras literárias.

Referências bibliográficas

- Besselaar, J. (1987). *Sebastianismo: história sumária*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Franco, A.C. (1991) *Vida de Sebastião, Rei de Portugal*. Mira-Sintra: Europa-América.
- Lourenço, E. (2001). *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, 3ª ed., Lisboa: Gradiva.
- Marques, A. H. (1978). *Breve história de Portugal*, 4ª ed., Lisboa: Terra Livre.
- Martins, O. (1978). *O sebastianismo*, Lisboa: Terra Livre.
- Sérgio, A. (1978). *Breve interpretação da história de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa.